



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Demandas e disputas no tempo presente: a imagem de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos da Laguna/ SC

Willian Felipe Martins Costa¹

Resumo: Partindo de memórias e narrativas negras da cidade de Laguna, neste texto tenho por objetivo, tendo por base o campo da História do Tempo Presente, trazer algumas questões sobre a constituição de novos sentidos atribuídos aos patrimônios negros e a construção de identidades no presente. Trago como principal aporte documental fontes orais, alinhavados a outros registros históricos no intuito de tecer uma “costura da memória” refletindo, em específico, a partir de demandas e disputas no presente acerca da imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Palavras-chave: História do Tempo Presente, Memórias, Narrativas.

Demands and disputes in the present time: the image of Our Lady of the Rosary of black men from Laguna/SC

Abstract: Starting from black memories and narratives from the city of Laguna, in this text, I intend to bring up some questions about the constitution of new meanings attributed to black heritage and the construction of identities in the present city. Drawing upon the field of Present Time History, my main documentary contribution consists of oral sources, interwoven with other historical records in order to weave a "memory stitching", reflecting, specifically, from demands and disputes in the present about the statue of Nossa Senhora do Rosário.

Keywords: Present Time History, Memories, Narratives.

Introdução

No alto de uma pequena elevação nos arredores de uma vila no sul de Santa Catarina, uma construção chamava atenção: uma capela católica detida a Nossa Senhora do Rosário. Segundo registros do memorialista branco lagunense Saul Ulysséa^{II}, o templo teve sua construção iniciada em 1845. A capela foi erguida com os esforços empreendidos por pessoas vindas de África e seus descendentes. Juntas essas pessoas em diferentes condições jurídicas, escravizadas, livres ou libertas, constituíam a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Laguna.

A capela do Rosário foi concluída no início da década de 1870, ao que tudo indica, ao menos as paredes e telhados. Para a cobertura foram empreendidos o dinheiro de uma apólice que a Irmandade ganhara de um testamento e um montante conquistado com esmolas^{III}. Durante os anos seguintes à capela do Rosário fez parte do cenário católico da cidade, servia de núcleo para as celebrações de sua irmandade, bem como ponto de partida para procissões de outras irmandades. Sobre as festas no morro do Rosário, como ficou

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

conhecida a área onde o templo se localizava, eram manifestações religiosas que muito lembrava modos de ser e estar de culturas em África. É possível encontrar em alguns relatos memorialísticos a menção a realização de congadas e batuques no alto do morro do Rosário^{IV}. Nesse sentido, podemos pensar no Rosário (morro, irmandade e capela) enquanto um território negro constituído a partir de um processo histórico de “intensa dinâmica cultural”, onde a adaptação, resistência e reinterpretação foram estratégias de vida adotado pelas populações africanas e seus descendentes na criação de novas formas de ser e estar no mundo Amefricano^V.

No entanto, as coisas mudaram na Laguna. A passagem do tempo e as dificuldades financeiras enfrentadas pela Irmandade do Rosário resultaram em um processo de deterioração da estrutura da capela. Além disso, o final do século XIX e início do XX é marcado por uma profunda mudança na economia da cidade, bem como, nos parâmetros “civilizatórios”. Com a influência dos movimentos higienistas e do racismo no pós-abolição, este caracterizado por um apagamento estratégico da presença de populações negras no Brasil, principalmente na região sul do país, fez com que as autoridades religiosas, políticas e detentoras de um capital financeiro passassem a empreender campanhas de demolição da capela. Assim sendo, a capela foi demolida, possivelmente, entre os anos de 1932 e 1933.

Em uma carta escrita pelo padre Inácio Orth, vigário da Laguna, ao arcebispo de Florianópolis em maio de 1932 revela que o estado da capela havia se agravado com o desmoronamento de uma de suas paredes, além disso, o religioso comenta que o prefeito, preocupado com possíveis prejuízos às casas vizinhas, havia o procurado a fim de encontrar uma solução para a situação. Padre Orth ainda afirma que o restauro do templo não era possível devido ao seu mau estado de conservação, porém, sugere uma ideia já antes tratada com o arcebispo. A ideia em questão era construir uma nova capela na localidade do Campo de Fora, uma área periférica da cidade.

Orth por fim, pede na carta por autorização para poder tomar providências sobre o assunto. A data definitiva da demolição da capela não é exata, mas é possível ter sido ainda em 1932, pelos motivos apresentados na carta, ou em 1933, como afirmam alguns outros registros^{VI}.

O contexto em que a capela foi demolida é marcado também pela ampliação do tecido urbano de Laguna. Novos bairros, ou como dizia-se na época, “arrabaldes” passaram a crescer. Sendo muito forte o catolicismo na cidade, alguns movimentos de catequização dessas áreas tornam-se comum. Realizados por algumas mulheres ligadas à Igreja Matriz, esses movimentos tinham por objetivo fortalecer o catolicismo nas novas localidades. Não somente a catequese foi incentivada como também a construção de novos templos. Um desses espaços de devoção foi erguido no arrabalde da Roseta, onde, segundo algumas narrativas indicam, foram reutilizados alguns dos objetos litúrgicos e a própria imagem de Nossa Senhora pertencentes à capela do Rosário.

É seguindo as pistas encontradas nessas narrativas que busco neste texto trazer algumas questões sobre a constituição de novos sentidos atribuídos aos patrimônios negros e a construção de identidades no presente na cidade de Laguna. Minhas reflexões aqui apresentadas são fruto do meu caminhar da pesquisa de mestrado que realizei junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e ao coletivo do AYA Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais^{VII}. Dito isso, trago como principal aporte documental fontes orais, alinhavados a outros registros históricos como fotografias e textos memorialísticos, bem como, bibliográficos no intuito de tecer uma “costura da memória”^{VIII}. Esse processo metodológico eu

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

constituo no diálogo com a artista visual negra Rosana Paulino, que utiliza de diferentes elementos, como fotografias, tecidos, linhas e textos para construir narrativas sobre e com pessoas negras no Brasil. Visualizo em seu trabalho artístico uma possibilidade de reconstituir e contar histórias plurais a partir do uso de múltiplas fontes históricas.

As fontes orais são entendidas aqui dentro de seus contextos de produção, como estipula prática historiográfica. O que reforça o entendimento que “fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência do “outro”^{IX}. Assim sendo, tomando a oralidade como um elemento central busquei incorporar perspectivas das populações negras sobre processos históricos de Laguna ao reconhecê-las enquanto corpos-política do conhecimento, assim sendo, produtoras de conhecimento acerca de si a partir de suas experiências situadas em um determinado espaço geopolítico^X.

Nesse sentido, muitas foram as possibilidades encontradas nas narrativas orais das pessoas de minha pesquisa. Cada uma partindo de seus diferentes lugares de enunciação narraram múltiplas experiências das populações negras da cidade, no entanto, é a história da construção da igreja da Roseta e a utilização de alguns bens pertencentes à capela do Rosário que me chamaram atenção e suscitaram algumas questões interessantes. Aqui é necessário pontuar que entendo que estando Laguna inserida em um contexto global, onde a colonialidade estrutura todas as relações sociais, econômicas e de vida^{XI} as questões envolvendo as narrativas históricas sobre as populações negras da cidade expressão o que historiador branco francês Henry Rousso vai chamar de “um passado que não passa^{XII}, ou seja, o passado colonial, presente na colonialidade. Essa que invisibiliza e hierarquiza experiências; influenciam nas identidades e causa o que a intelectual negra Sueli Carneiro^{XIII} vai chamar epistemicídio, o genocídio de epistemologias. No entanto, é preciso destacar que estes passados que não passam, ou seja, “passados que constituíram grandes traumatismos nas identidades e nas consciências históricas nacionais”^{XIV} tem como uma das características identificadas no campo da HTP a gerar demandas e disputas no presente^{XV}. Com base nisso, a seguir trago memórias e narrativas de pessoas negras moradoras da Roseta que nos possibilita perceber algumas dessas questões, em específico, a partir de disputas e demandas acerca da imagem de Nossa Senhora do Rosário.

DA CAPELA DO ROSÁRIO PARA A ROSETA: AS NARRATIVAS SOBRE A IMAGEM DE NOSSA SENHORA

A igreja [capela do Rosário] foi muito antiga, porque quando ela foi demolida - já vou pular de uma coisa para outra - tinha a Nossa Senhora Auxiliadora, a original é ela, não aquela que hoje está, ela está como se diz a sete chaves, é a Nossa Senhora do Rosário que era da igreja dos pretos. Essa imagem é uma relíquia, foi guardada pela dona Nail Ulyssea, não sei se já ouviu falar o nome dela, ela que cuidava de todos os transcritos e de todos os santos da Igreja Matriz. [...] Quando foi fundada a Igreja do bairro Progresso, da Roseta, pela dona Altina de Souza, a avó do falecido Nelson, [...] então ela [Nail Ulyssea] deu [a imagem].. “Já que vocês não têm santo eu vou

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

doar para a igreja a Nossa Senhora do Rosário”. Mas eles já tinham o nome, que a igreja seria Nossa Senhora Auxiliadora. Rosário ou Auxiliadora, tudo auxilia, tudo ajuda, então essa história do fim da igreja do Rosário e início da Igreja do bairro Progresso (REIS, 2021, s.p.).

Imagem 1 - Imagem de Nossa Senhora do Rosário no tempo presente



Fonte: Foto tirada pelo autor (2021).

A fotografia acima é o registro de um raro momento em que a imagem de N. S. do Rosário encontra-se exposta em um pequeno altar da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, localizada no antigo bairro da Roseta, atualmente bairro Progresso. Em estilo barroco, a imagem é adornada com uma pequena coroa e traz um rosário em sua mão direita, indicando sua evocação. Segundo a professora Janice dos Reis, no relato que abre esta discussão, esta imagem seria a mesma que pertencia à “igreja dos pretos”. Nascida no bairro da Roseta, a professora de sessenta e um anos escolheu mobilizar a narrativa do início da igreja de seu bairro para responder às primeiras perguntas sobre a capela do Rosário em nossa conversa. O bairro em que a professora nasceu teve seu início,

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

segundo o antropólogo negro lagunense Aloísio Luiz dos Reis^{XVI}, no final da década de 1920, “quando as primeiras famílias se estabeleceram no chamado Morro da Roseta”.

Ainda segundo Reis, o nome Roseta se refere à abundante vegetação composta pela gramínea espinhenta chamada capim-roseta. Esse bairro, que só veio a ser reconhecido pelo poder público por volta de 1950^{XVII}, se origina no contexto de adensamento dos núcleos populacionais mais distantes do centro da cidade, como o bairro Magalhães e o entorno do bairro Campo de Fora. Tais localidades se constituíram principalmente por moradias de pessoas trabalhadoras do porto e da estrada de ferro^{XVIII}. Reis ainda menciona a presença de muitas famílias negras nos primeiros anos do bairro. O antropólogo ainda faz uma relação com a presença negra na localidade e a construção do espaço de devoção dedicado a N. S. Auxiliadora. Em suas palavras, “Ironicamente, a comunidade, constituída em sua maioria por famílias negras, herda os despojos sacros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos”^{XIX}. Nesse sentido, assim como a professora Janice, Reis aponta para a existência da imagem de N. S. do Rosário, articulando uma identidade ligada à população negra da cidade ao processo que seria, nas palavras de Janice, “o fim da história da capela do Rosário e o início da igreja do Progresso”.

Em minha pesquisa, a imagem de N. S. do Rosário apareceu já no processo inicial de investigação sobre a capela do alto do morro, isso ainda no início do trabalho com as bibliografias consultadas, a exemplo do trabalho de Reis. As suspeitas da existência da imagem se concretizaram a partir da oralidade de pessoas mais velhas, que me apontavam para a existência da dita imagem. Segundo as narrativas que tive contato, a “santinha” da Roseta era a do Rosário, já muito antiga, guardada com muito zelo, ou a “sete chaves” na igreja de N. S. Auxiliadora. Nesse processo de pesquisa, encontrei também nos registros da memorialista branca Nail Ulysséa^{XX} sua própria descrição sobre a origem da imagem, tal como me narrou a professora Janice dos Reis.

Em minhas andanças pela Laguna durante o processo de pesquisa encontrei em uma visita à igreja do bairro Progresso um material escrito pelo Sr. Nelson João de Souza, morador do bairro e neto de Tomazia Altina de Souza, mulher branca nascida em 1865 no município vizinho de Imaruí, e uma das responsáveis pela construção da capela do então Morro da Roseta na década de 1930. Segundo a narrativa do Sr. Nelson sua avó iniciou as atividades de catequese para crianças em 1928, quando passou a residir na localidade, e algum tempo depois duas moradoras do centro da cidade, Nail Ulysséa e Maria Cabreiro, juntaram-se a Dona Tomazia nas aulas de catequese. É a partir da articulação dessas mulheres, principalmente de Ulysséa, com o pároco da igreja Matriz, padre Bernard Philippe, o mesmo que atuou na venda do Morro do Rosário, que a imagem de N. S. do Rosário chega até a comunidade da Roseta. Segundo os registros do Sr. Nelson, a imagem havia sido guardada na Matriz após a demolição da capela do Rosário e encontrava-se necessitada de reforma. Tal restauro foi realizado pela própria dona Nail, que também substituiu o rosário por um cedro e alterou a evocação da santa virgem de Rosário para Auxiliadora. A imagem foi trasladada diretamente da casa da família Ulysséa, localizada na praça República Juliana no centro da cidade, para o primeiro oratório construído em 1937, como vemos na imagem 3. Já no jornal O Albor podemos ler a publicação.

Imagem 2 - Nota sobre a primeira festa de N. S. Auxiliadora

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

Nossa Senhora Auxiliadora

No domingo 21 do corrente, realizou-se a procissão de N. S. Auxiliadora que saiu da casa do major sr. Saul Ulysséa, para a casa de Oração recentemente preparada no morro da Roseta.

Emocionou-nos a encantadora simplicidade religiosa da procissão, acompanhada por cerca de quinhentas pessoas e todas as irmãs da matriz, prestaram o seu concurso, bem como a banda União dos Artistas.

Ao chegar a procissão ao morro da Roseta, foi festivamente recebida pela população local notando-se em todos a maior alegria. Inúmeros foguetes estrugiram.

Todo o local estava ornamentado.

A imagem foi benta pelo reverendo padre Bernardo Philippe e collocado em um bonito altar construído a expensas da população dali que não poupou esforços para o brilhantism da festa provando quanto vale a pobreza iluminada pela Fé.

A noite houve terço seguindo-se bazar de prendas até as 21 horas.

No dia 19 foram distribuídas muitas peças de roupas pelas crianças, cuja fazenda foi doada pelas Exmas. Sras. d. d. Martha Daux Mussi e Sylvia Ulysséa Baião e confeccionada pela Sras Cabreira e Nail Ulysséa.

Alem das roupas foram distribuídos outros objectos: medalhas, terços, bêbesinhos e cincoenta sabonetes oferecidos pelo Sr. Dario Gomes de Carvalho.

As ofertas dos padrinhos da imagem e de outras pessoas presentes, subiram a 286\$200 e o bazar produziu a importancia de 226\$.

Fonte: O Albor - ano XXXVII - 26 de novembro de 1937 - nº 1720.

Imagem 3 - Festa de N. S. Auxiliadora no primeiro oratório



Fonte: SOUZA, Nelson João de.

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

A primeira festa de N. S. Auxiliadora, tendo um número considerável de fiéis e uma mobilização social na cidade, marca de uma vez por todas a substituição pública da referência de Rosário para Auxiliadora da imagem. É interessante destacar aqui que este é o mesmo período em que a discussão sobre a demolição da capela do Rosário e a venda do Morro aconteceram. Além disso, é nesse período que a irmandade possivelmente estava buscando construir uma nova capela de N. S. do Rosário. Nesse sentido, é possível que a mudança e realocação da imagem de sua padroeira faça parte do processo de deslocamento e apagamento do território do Rosário que destaquei anteriormente como elemento característico da colonialidade e do racismo no Pós-abolição.

Dito isso, com base nestas evidências e no histórico sobre o espaço de devoção dedicado a N. S. Auxiliadora intuí haver uma dada ligação entre a capela do Rosário e a igreja do bairro Progresso e, assim, passei a investigar mais sobre o assunto, na tentativa de adensar a narrativa sobre o território do Rosário localizado no centro da cidade. Porém, durante o processo das entrevistas, na conversa com alguns dos meus interlocutores (as) identifiquei um elemento comum que despertou ainda mais minha curiosidade histórica. Por que a imagem fica guardada “a sete chaves”, como colocado pela professora Janice? A partir disso busquei entrevistar mais pessoas moradoras do bairro na tentativa de desvendar os elementos que, de certa forma, ligavam a igreja de N. S. Auxiliadora e a capela do Rosário. Com isso, identifiquei que nas narrativas orais esta pequena imagem aparece muitas vezes em disputa entre a comunidade local e algumas demandas de movimentos negros da cidade. Por um lado, sentidos ligados à fé católica e a constituição de um espaço de devoção, já por outro, sentidos ligados ao território do Rosário e reivindicação da posse da imagem para si.

Decidido a buscar mais informações sobre a trajetória da imagem de N. S. do Rosário, fui até a igreja do bairro Progresso. Não tinha esperança que encontraria facilmente a imagem. No entanto, fui surpreendido quando lá cheguei e me deparei com a santa em um pequeno nicho do lado esquerdo do altar principal. Lembro-me que esse dia era 13 de maio, comemorado pelo discurso oficial com o Dia da Abolição da Escravatura no Brasil e pela Umbanda como o dia dedicado às memórias das entidades conhecidas como pretos velhos e pretas velhas. De certa forma, achei emblemático justamente nesta data encontrar o que seria um dos últimos vestígios materiais da capela a qual foi a causa inicial de toda minha trajetória da pesquisa, fazendo com que eu sentisse que não estava sozinho naquele momento. A fotografia acima, figura 1, que abre esta seção foi tirada neste dia, pois busquei realizar o registro o mais rápido possível, não sabia quanto tempo ela permaneceria ali. Até este momento não havia entendido o porquê de a imagem estar exposta.

Em busca de resposta, caminhei até uma pequena porta nos fundos da igreja onde ficava a secretaria do templo. Chegando lá encontrei o Sr. Adelson, branco, morador do bairro e responsável por cuidar da igreja. Apresentei-me e logo perguntei sobre a imagem de N. S., expondo minha curiosidade sobre a história dela. O Sr. Adelson me olhou intrigado e primeiramente me informou que ele era responsável por guardar a imagem, além disso, pontuou que ela não costumava ficar exposta assim sempre, a ocasião era especial porque estávamos no mês de maio, período em que se realiza a festa de N. S. Auxiliadora. Assim sendo, a imagem da padroeira se encontrava fora de seu altar, visto a realização de procissões, ficando no lugar a imagem de N. S. do Rosário. Nesse momento, perguntei ao Sr. Adelson conta um pouco mais da história da imagem, bem como se ele já ouvira falar da antiga capela do morro do Rosário. Sua resposta foi rápida, logo ele afirmou que a imagem antiga de N. S. Auxiliadora era originária da capela do Rosário

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

dos negros e mencionou que já havia tido procura por ela algumas vezes. Com isso, ele relatou um episódio em que para a realização de uma “missa afro” algumas pessoas haviam solicitado o traslado da santinha para a na Igreja Matriz, o que segundo ele foi autorizado pela comunidade, desde que ele ficasse responsável por levar e trazer de volta a imagem. No *site* da prefeitura de Laguna encontrei uma matéria, na seção de cultura da cidade, publicada em 2019 onde é feito o convite à comunidade para participar da missa afro, organizada pela Pastoral Afro, que estava integrando a programação da Semana da Consciência Negra. O destaque da matéria, no entanto, aparece já no título: “*Imagem de Nossa Senhora do Rosário voltará a ser vista pelos lagunenses*”. Além do convite, a matéria traz uma pequena narrativa sobre a presença negra em Laguna, a capela do morro do Rosário e a imagem de Nossa Senhora. É possível que este seja o mesmo evento apontado pelo Sr. Adelson. Na fotografia a seguir vemos nosso interlocutor e a imagem de costas, segundo ele, não era permitido tirar fotos dela nesse momento, por isso ela estava de costas.

Imagem 4 - Imagem de N. S. do Rosário em 2019



Fonte: Foto jornalista Taís Suterro.

A partir da rápida conversa com o Sr. Adelson, bem como da matéria publicada no site da prefeitura, foi possível identificar duas questões: um cuidado com a imagem por parte da comunidade e a procura de pessoas de fora por ela. Essas foram pistas centrais que busquei seguir a partir desse ponto.

Assim sendo, depois da visita à igreja busquei encontrar outras pessoas da comunidade para entrevistar, chegando assim à Dona Selma de Souza, de setenta e nove anos e ao professor Joel dos Reis, de cinquenta e quatro. A primeira é viúva do Sr. Nelson de Souza, já o segundo é irmão da professora Janice. Ambos, em nossas conversas, trouxeram muitas memórias da formação do bairro Progresso, ao qual também insistiram em referenciar enquanto Roseta. Dona Selma nasceu no Campo de Fora, mas frequentava a Roseta desde pequena para participar das atividades na Escola de Samba “Brinca quem Pode”. O Brinca apareceu também na narrativa do professor Joel, já que seu pai, Paulo Tibúrcio dos Reis, foi um dos fundadores. A Escola de Samba “Brinca quem Pode” é um território negro como identificado por Reis^{XXI} e nas entrevistas com Dona Selma e Joel é um dos elementos presente na constituição das suas noções de pertencimento ao bairro.

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

Nesse sentido, outro elemento que é comum aos dois entrevistados mobilizados para dar sentido ao seu pertencimento na comunidade é a antiga imagem de N. S. do Rosário/Auxiliadora.

O professor Joel foi o primeiro que entrevistei. Durante nossa conversa, ele revelou ter uma participação ativa na organização das atividades da igreja de N. S. Auxiliadora, bem como saber da origem da imagem antiga da padroeira. Além disso, atribui muito valor sentimental em relação à imagem, revelando um apego simbólico a ela não somente por ele como pela comunidade. Sobre a pequena imagem, ele disse:

Nossa! Tem um valor, vamos dizer assim, histórico né. Esse ano está completando setenta e sete anos de história dela aqui. Quando foi fundada pela Dona Tomazia, decidiram fundar a igreja aqui, ela veio para cá. Todo mundo tem um carinho (REIS, 2021b, s.p.).

Após isso, o professor comentou o episódio em que o então bispo Diocesano da região de Laguna, Dom Osório de Oliveira, ao celebrar uma missa durante a festa de N. S. Auxiliadora por volta do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, repreendeu a comunidade indicando que a imagem venerada como N. S. Auxiliadora era, na verdade, de N. S. do Rosário e com isso exigiu a substituição da imagem. Nas palavras do professor Joel:

O povo ficou assim, teve gente que chorou, se revoltou, ficou um tempo sem ir à igreja, por causa dessa atitude do bispo que mandou trocar as imagens e botar a verdadeira. Ai hoje é a referência que a gente tem, mas ainda a gente se refere a N. S. Auxiliadora como sendo aquela lá que é a do Rosário. [...] O dia em que alguém quiser tirar essa daqui, não! [sinal negativo com a mão]. Vai ter uma Terceira Guerra Mundial [risos] Ela não sai, mesmo a gente sabendo que hoje, por causa desse bispo, ela está sendo a N. S. do Rosário, mas nós temos aquele carinho todo especial porque a gente cresceu como ela sendo N.S. Auxiliadora, então sair daqui não (REIS, 2021b, s.p.).

A partir das memórias do professor Joel é possível identificar que a comunidade católica do bairro Progresso tem uma forte relação com a imagem que deu início à igreja da comunidade. Um carinho, para citar as palavras do professor, que constitui por parte da comunidade novas atribuições de sentido a um patrimônio originário do território do Rosário. Além disso, assim como a professora Janice e o Sr. Adelson, a fala de Joel reforça a questão da permanência da imagem na igreja de forma a indicar uma proteção frente a interferências externas.

Nesse sentido, a conversa com Dona Selma trouxe algumas informações sobre uma possível disputa pela imagem e seus sentidos no tempo presente. A primeira pergunta que lhe fiz foi em relação à igreja de N. S. Auxiliadora acerca da origem da imagem antiga da padroeira e se ela já ouvira algo sobre. Com isso, Dona Selma indagou: que era lá dos negros? Respondi afirmativamente. E então ela continua.

Sim, a gente sempre soube né. Porque quando a igreja lá caiu ela foi levada para o porão da Matriz e de lá a Dona Nail e a Dona Cabreiro descobriram. Quando a Dona Tomazia começou aqui, precisava de uma imagem, elas trouxeram ela. Teve uma época até que quando – não sei se tu conhecesse o padre Edemir –, padre Edemir chegou aqui e começou a fazer uma oferta que queria tirar ela de nós aqui. Deu um rebuliço, aí ele não conseguiu. Tanto que hoje ela vive trancada, pode vir aqui na igreja tu não vês ela. Tu podes vir nas

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

festas ela não tá, não sai, tem uma outra imagem que eles compraram, porque teve um dia que alguém olhou e disse "ah, mas essa imagem não é auxiliadora ela é N. S. do Rosário". Só que a Nossa Senhora do Rosário e a Nossa Senhora Auxiliadora, elas são idênticas. É claro, ela estava lá na igreja do Rosário, mas quando ela veio para cá, ela veio com o nome de Auxiliadora. Mas aí começou isso aí. Estava acontecendo muito roubo e queriam levar, queria carregar, então hoje ela vive mais guardadinha (SOUZA, 2022, s.p.).

Dona Selma iniciou sua narrativa lembrando a primeira mobilização da construção da igreja de N. S. Auxiliadora vinculada à transferência da imagem de N. S. do Rosário, assim como fez a professora Janice e o professor Joel. No entanto, é na menção ao padre Edemir que encontramos vestígios de diferentes sentidos atribuídos a dita imagem no tempo presente. Nesse caso, a vinculação ao território do Rosário. Nesse sentido, perguntei mais acerca do caso envolvendo o padre e a imagem.

Queria... o padre Edemir fez um [pausa]. Que primeiro ele chegou aqui ele foi se chegando. Ele logo foi procurado por nós. Até foi interessante que ele me olhou e disse assim: "Eu tenho um grupo de negros lá em Capivari" – eles vieram aqui várias vezes, de Capivari de Criciúma, que tinha o centro social, eles faziam umas danças, apresentavam umas danças bonitas [...]. Aí depois começou juntando o pessoal que queriam carregar a imagem daqui, a sorte que o pároco da época não permitiu e aí ela ficou mais escondidinha (SOUZA, 2022, s.p.).

Após isso perguntei se ela sabia para onde que o padre Edemir gostaria de levar a imagem, ao passo que ela respondeu: "*Eu não sei o que ele queira fazer com ela. "Porque era dos negros tinha que ir para os negros". Mas os negros não tinham igreja, não tinham nada, iam levar para onde?"* Padre Edemir João de Souza nasceu na cidade de Tubarão/SC e foi ordenado presbítero em 1981 em Capivari de Baixo/SC, onde trabalhou em seus primeiros anos de ministério. Em 1988, após passar pelas paróquias de Oficinas e Içara/SC, é ordenado pároco da paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes do bairro Magalhães em Laguna/SC, onde atuou enquanto pároco e vigário até sua morte em 2016. Durante minha infância, frequentei a paróquia em que padre Edemir atuava e lembro-me de que, além de ser uma pessoa muito engajada nos movimentos sociais ligados à igreja, ele foi o primeiro pároco negro da Igreja de N. S. dos Navegantes. Além disso, padre Edemir foi responsável pela construção da capela do bairro Vila Vitória em Laguna, bairro no qual morei boa parte de minha vida. A capela é dedicada à N. S. do Rosário e São Benedito. Não foi possível encontrar mais vestígios até esse momento sobre a participação do padre Edemir em outros movimentos sociais na cidade de Laguna. Porém, a própria atuação na construção da capela da Vila Vitória, além da memória de Dona Selma, aponta para um possível sentido dado pelo padre à imagem de N. S. do Rosário. Além disso, é provável que a procura pela imagem não tenha sido feita somente pelo padre, como, por exemplo, a missa afro citada pelo Sr. Adelson.

Essas informações alinhavadas à narrativa de Dona Selma possibilitam construir uma interpretação sobre diferentes sentidos atribuídos a um patrimônio do Rosário, que também é da comunidade do bairro Progresso. Nesse sentido, podemos pensar que o território do Rosário, no tempo presente, também é perpassado por demandas e disputas. No caso, identificamos a procura pela imagem apreendida pelo padre Edemir, bem como, pelo movimento da semana da consciência negra em 2019 sobre a coordenação da Pastoral Afro, que atribui à imagem sentidos ligados à sua origem. Em contrapartida, essa

demanda gera uma disputa com a comunidade do bairro Progresso, que tem a antiga imagem de N. S. do Rosário como a representação de N. S. Auxiliadora. Com isso, percebemos que a ressignificação da imagem por parte da população de Laguna, e a permanência de sentidos políticos por outro, evidencia uma história inacabada, que ainda no tempo presente gera reverberações.

Considerações finais

Falar do espaço que nesse texto busquei demarcar como território do Rosário é algo muito especial para mim, digo que os sentidos que ele tem, perpassam minhas memórias sentimento e memórias na política. Dito isso, penso que até aqui foi possível ampliar esses sentidos a partir da costura das memórias das pessoas negras, moradoras do bairro Progresso, que busquei dialogar com os diferentes registros históricos levantados. As memórias de pessoas brancas também fizeram parte desse processo, visto os registros dos memorialistas da família Ulysséa e a narrativa do Sr. Adeldo. Assim sendo, penso que refletir sobre a história do território do Rosário, entendido aqui enquanto a junção de três elementos: a irmandade, o morro e a capela, bem como seus patrimônios materiais ainda existentes, no caso a imagem de N. S. do Rosário, possibilita construir fragmentos de um panorama de quase duzentos anos de trajetória de sua constituição, que aconteceu a partir de um “processo histórico de intensa dinâmica cultural” característico do espaço geopolítico da América, ao qual Laguna está inserida, marcado pela “adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas” de ser e estar no mundo^{XXII}. Nesse sentido, foi possível perceber que tal processo ainda está presente na cidade de Laguna. O território do Rosário, no tempo presente, é perpassado por demandas e disputas que estão vinculadas a constituição de novos sentidos atribuídos aos patrimônios negros e a construção de identidades. O caso da imagem de N. S. Auxiliadora/Rosário é um desses casos. O zelo, cuidado e preocupação mobilizado por parte da comunidade negra da Roseta frente a busca pela imagem apreendida pelo padre Edemir, bem como, pelo movimento da semana da consciência negra em 2019 são exemplos de um processo histórico inacabado, que ainda no tempo presente gera reverberações.

Notas

^I Doutorando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisador associado ao Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais - AYA. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. E-mail: will53638@gmail.com.

^{II} Ulysséa, 1943.

^{III} ULYSSÉA, 1946, p. 147.

^{IV} (Costa, 2022, Rosa, 2021, Sayão, 2013).

^V Gonzalez, 1988, p. 76.

^{VI} ULYSSÉA, 1946; 1976.

^{VII} O Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais – AYA (UDESC) tem como objetivo geral congrega pessoas pesquisadoras, professoras e estudantes do campo dos Estudos Africanos e da História Indígena comprometidas com um trabalho multidisciplinar e transdisciplinar que procuram a construção de um conhecimento acadêmico, científico e social comprometido com a interpretação decolonizada acerca das experiências de diversos sujeitos sociais. Para além dos méritos acadêmicos pensamos na importância de valorizar racionalidades outras, neste sentido é necessário dizer que nos permitimos apreciar sentimentos que alimentam os espíritos de amizade e otimismo criando uma comunidade de aprendizagem baseados na

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA
DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

generosidade e no prazer de educar. O laboratório é coordenado pelas Profa Dra Claudia Mortari e Profa Dra Luísa Tombini Wittmann.

^{viii} (Paulino, 2018).

^{ix} (Lozano, 2006, p. 17).

^x (Escobar, 2014; Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2020, p. 11- 13).

^{xi} (Quijano, 2009).

^{xii} (Rousso, 2016).

^{xiii} (Carneiro, 2005).

^{xiv} (Delacroix, 2018, p. 45).

^{xv} (Costa, 2023).

^{xvi} (Reis, 1996).

^{xvii} (REIS, 1996a, p. 78).

^{xviii} (LUCENA, 1998).

^{xix} (REIS, 1996, p. 81).

^{xx} (Ulysséa, 1976)

^{xxi} (Reis, 1996)

^{xxii} (GONZALEZ, 1988, p. 76).

Referências bibliográficas

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOQUEL, Ramon. Introdução: Decolonialidade e Pensamento Afro diaspórico. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOQUEL, Ramon (org.) **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 9-26.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COSTA, Willian Felipe Martins da. **'Uma igreja construída para o negro, de uma irmandade de negro: espaços e devoções negras na América no tempo presente (Laguna, Santa Catarina)**. 124 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Udesc, Florianópolis, 2022.

COSTA, Willian Felipe Martins da. Memórias e narrativas negras na cidade de Laguna/Sul do Brasil: Possibilidades de construção de conhecimento no campo da História do Tempo Presente desde uma perspectiva decolonial. **Revista SANKOFA**, São Paulo, v. 16, nº 27, 2023, 107-123. <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2023.207539>

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39-79, jan./mar. 2018.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 15-25.

Boletim do Tempo Presente vol. 12, n. XX. XX. 20XX. p. XX-XX | <https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente>

DEMANDAS E DISPUTAS NO TEMPO PRESENTE: A IMAGEM DE NOSSA SENHORA
DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA LAGUNA/SC

COSTA, W. F. M.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Laguna**: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Udesc, Florianópolis, 1998.

PAULINO, Rosana. **A costura da memória**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-117.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnica nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 7-33, 1996.

ROSA, Júlio César da. **Associativismo negro em laguna e a construção identitária**: irmandade, sociedades musicais e clubes negros (1870 a 1950). 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente e o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SAYÃO, Thiago Juliano. Negras paisagens. Primeiras leituras sobre a demolição e o apagamento da igreja da Irmandade do Rosário de Laguna, SC. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais** [...] Natal: ANPUH, 2013.

ULYSSÉA, Nail. Três séculos na Matriz de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. *In*: SANTO ANTÔNIO DOS ANJOS DA LAGUNA: seus valores históricos e humanos. Publicação comemorativa da passagem do seu tricentenário de Fundação. Florianópolis: IOESC, 1976.

ULYSSÉA, Saul. **A Laguna de 1880**. Florianópolis: IOESC, 1943.

ULYSSÉA, Saul. **Coisas velhas**: a família imperial do Brasil, queda do império, proclamação da república, ... Florianópolis: Oficinas da Imprensa Oficial, 1946.